

Eliseu Alves, pesquisador da Embrapa:

“Mais responsabilidade com o agronegócio”

por Bruno Blecher

MINEIRO de São João Del Rey, Eliseu de Andrade Alves nasceu na roça. “Só fui ver um carro aos oitos anos. Antes disso, só conhecia cavalo”, brinca. Ele dedicou 50 dos seus 75 anos de vida ao serviço público, mais especificamente, à agricultura brasileira.

Como engenheiro agrônomo, trabalhou na Emater-MG e participou da primeira diretoria da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), da qual foi presidente entre 1979 e 1985. Também comandou a Companhia de Desenvolvimento do Vale do São Francisco (Codevasf) e foi secretário nacional de Irrigação.

Alves, como um bom homem de campo, continua na ativa. “Trabalho oito horas por dia, inclusive, aos sábados e domingos”, diz ele, que hoje desenvolve trabalhos de pesquisa para a Embrapa.

Para o pesquisador, o governo tem a responsabilidade de manter o agronegócio. “O setor tem uma importância fundamental para o equilíbrio de nossas contas externas e para o abastecimento do mercado interno”, diz.

AGROANALYSIS - O campo hoje é muito diferente do que nos tempos de sua infância em Minas?

ELISEU ALVES - Se o meu avô, que morreu em 1942, voltasse hoje ao campo, ele acharia que estava em outro mundo. Nada do que ele fazia naquele tempo se faz hoje. Ele foi um grande proprietário de terras, mas com uma renda baixa. Mesmo assim, a fazenda tinha muitos empregados e produzia de tudo. A subsistência

dos empregados era produzida na própria fazenda. Os empregados tinham que comprar apenas sal e roupa, mais nada. O excedente de leite e algum porco que sobrava por lá eram vendidos. A agricul-

estamos vivendo agora, de preços baixos, em parte, é provocada pelo governo. Outra parte é consequência do mercado internacional – da gripe aviária, do mal da vaca louca e dos focos de aftosa que



tura da fazenda era totalmente orgânica. Tudo: café, leite e as lavouras. Não tinha agrotóxico para combater carrapato, berne e nem as doenças das plantas.

AGROANALYSIS - A agricultura brasileira alterna ‘tempos de vacas magras com tempos de vacas gordas’. Qual é a razão dessa instabilidade? Não há como evitar esses altos e baixos?

ELISEU ALVES - Parte dessas oscilações é provocada pelo governo. A crise que

ocorreram no Brasil. Há alguns ‘solavancos’ que se devem a fenômenos externos, mas que passam rapidamente. Agora, essa política econômica do governo, embora importante para o ajuste macroeconômico, vem produzindo um desastre. As pessoas mais sensatas não discordam do ajuste macroeconômico. Discordam, sim, da dose. É uma política muito exagerada na área de taxas de juros e de seus reflexos no câmbio. Como consequência desta política, a agricultura, que já era pouco lucrativa, está ‘no vermelho’.

AGROANALYSIS - Quatro anos atrás, a agricultura de grãos estava ganhando muito dinheiro.

ELISEU ALVES - Naquela época, a taxa de câmbio era bem diferente da que temos hoje. Infelizmente, não tem jeito de os agricultores se unirem para evitar que os preços caíam, reduzindo a produção. A falta de sincronização dos produtores também contribuiu para fazer os preços despencarem nas épocas ruins e subirem exageradamente nas épocas boas. Outro ponto que merece ser destacado é o elevado subsídio à agricultura, praticado pelos países mais avançados. Isto traz um grande excedente de produção, o que complica tremendamente o mercado internacional.

AGROANALYSIS - Quais são as consequências da atual crise da agricultura?

ELISEU ALVES - Ela tem um efeito dramático. Os agricultores brasileiros perdem muito dinheiro, e isso afeta a vida econômica de todo o País, principalmente das cidades que têm menos de

“Os agricultores brasileiros perdem muito dinheiro, e isso afeta a vida econômica de todo o País”

100 mil habitantes, que dependem quase que totalmente da agricultura.

AGROANALYSIS - Algumas culturas conseguiram escapar da crise, como no caso da cana-de-açúcar e do café.

ELISEU ALVES - Existem áreas que estão bem, como o café e o açúcar. O café, há quatro anos, estava numa situação péssima. Alguns amigos meus diziam que não valia a pena nem colher. O que aconteceu? Houve o ajuste. A produção mundial caiu, e os preços agora se recuperaram. Mas quando o preço se eleva, rapidamente a produção começa a crescer e, não demora muito, vamos ter outra crise.

AGROANALYSIS - Mas como garantir a estabilidade?

ELISEU ALVES - Isso faz parte da vida. Em produtos como os grãos, de ciclo anual, o ajuste pode ser mais rápido. Mas nas culturas perenes, a coisa é mais complicada. Se você prestar atenção na laranja, há três anos, a cultura viveu uma crise muito séria no Brasil. Mas aí aconteceram os furacões nos EUA, que reduziram a produção. Aqui, no Brasil, muita gente também reduziu os pomares, e entramos num patamar de alta de preços.

AGROANALYSIS - Entre as cadeias produtivas, quais o senhor aponta como as mais modernas, hoje.

ELISEU ALVES - Todas elas se modernizaram nos últimos anos. Há muitos agricultores atrasados, mas as cadeias todas se transformaram. Veja a cadeia

de hortaliças, que é uma das mais fantásticas do ponto de vista de tecnologia. A maturidade destes produtores cresceu muito, nos últimos dez anos. A cadeia de leite, que sempre foi resistente a mudanças, depois que o governo saiu do mercado, se modernizou rapidamente. Outra cadeia que custou muito a se modernizar foi a de gado de corte. A pecuária era uma atividade extensiva, mas em função do crescimento da soja e do milho, o custo alternativo de produzir boi começou a aumentar muito. É possível produzir boi ou produzir soja. O pessoal que está nessas áreas, em que as terras podem se adaptar tanto à produção de grãos como à produção de carne, teve que melhorar sensivelmente a produtividade para que o boi pudesse competir com o grão. O que está acontecendo agora? Esta tal pecuária extensiva, que não gosta de competir com lavouras, está migrando rapidamente para a região Amazônica, e faz este barulho todo que está hoje na imprensa. Mas isso não tem toda essa importância que a imprensa está dando.

AGROANALYSIS - O avanço da pecuária na Amazônia não o preocupa?

ELISEU ALVES - Não. Eles já estão em áreas devastadas. Além disso, a área que a pecuária ocupa com pastagens na Amazônia é relativamente pequena.

AGROANALYSIS - Quais são as perspectivas do agronegócio brasileiro?

ELISEU ALVES - Existe hoje uma enorme capacidade de produção instalada na

“As pessoas mais sensatas não discordam do ajuste macroeconômico. Discordam, sim, da dose”

agricultura mundial. Como consequência disso, a produtividade, a produção e a competitividade atingiram níveis tão altos, que a rentabilidade do negócio ficou muito baixa para os produtores. Isso acontece não só no Brasil, mas no mundo todo. É lógico que, nos países civilizados, o governo protege com subsídio os seus agricultores. Sendo baixa a rentabilidade, obviamente, o governo tem a responsabilidade de manter o agronegócio. Principalmente, em razão de o agronegócio ter uma importância fundamental para o equilíbrio de nossas contas externas e para o abastecimento do mercado interno.

AGROANALYSIS - O que o governo deve fazer?

ELISEU ALVES - O mínimo que ele deve fazer é não atrapalhar a agricultura. A política macroeconômica tem que considerar as necessidades do agronegócio. Em segundo lugar, o governo deve partir para uma política mais ativa, no sentido de estimular as exportações brasileiras. À medida que encaminhamos o excedente da produção agrícola para o mercado externo, estamos conseguindo duas coisas: obter renda para o País e evitar as quedas dos preços internos, e, conseqüentemente, reduzir o êxodo rural.

AGROANALYSIS - O que o senhor propõe para estimular as exportações agrícolas?

ELISEU ALVES - Temos que unir o governo com a iniciativa privada e fazer com que os dois busquem o mercado internacional. O excedente é uma dor de cabeça para todos os países avançados do mundo. Os governos estão envolvidos 'dos pés à cabeça' para exportar mais. Há muitas coisas que podem ser feitas, uma delas é dar subsídios às exportações, como a Europa e os EUA fazem. E existem outras soluções; por exemplo, o mercado de grãos está em crise. Você pode pegar uma parte grande da produção e transformar em bio-

diesel. Ou fazer como os EUA, no caso do enorme excedente de produção de milho – destinar uma parte para a produção de álcool.

AGROANALYSIS - Como o senhor avalia a política atual do governo, na área do agronegócio?

“A produtividade, a produção e a competitividade atingiram níveis tão altos, que a rentabilidade do negócio ficou muito baixa”

ELISEU ALVES - O presidente Lula parece estar com o coração dividido entre o agronegócio empresarial e a agricultura familiar, e acha que quando ele apóia o agronegócio está prejudicando a agricultura familiar. Esta divisão do presidente não tem razão de ser. Isto leva o governo a desviar uma grande parte dos seus recursos para o Ministério de Desenvolvimento Agrário e para a área de meio ambiente, deixando o Ministério da Agricultura sem dinheiro.

AGROANALYSIS - Como o senhor avalia o crescimento da chamada agroenergia?

ELISEU ALVES - Sempre é muito positiva a criação de um novo mercado.

A agricultura está no fio da navalha em termos de lucratividade. E agora está aparecendo uma área que tem uma demanda quase infinita. Ou seja, você não vai 'entupir' o mercado de produtos, porque a demanda é muito grande. Temos que explorar bem essas oportunidades. É uma boa alternativa para o meio ambiente, uma excelente saída para a renda interna do País e também uma boa opção para o mundo. O Brasil não terá nenhuma perda se investir em agroenergia. A única questão que existia, e que ninguém mais tem dúvida, é se ao produzirmos agroenergia estaríamos reduzindo o espaço para a produção de comida. Mas há espaço suficiente para a produção de agroenergia, inclusive, para o aproveitamento de terras degradadas, sem entrar em conflito com a produção de alimentos. Além disso, a agricultura brasileira tem níveis de produtividade ainda baixos. Ou seja, é possível economizar terra, aumentando a produtividade da agricultura. O biodiesel e o álcool são produtos que não têm conflito, servem para o pequeno, médio e grande produtor, e podem ajudar o Brasil a reduzir as importações de óleo diesel.

AGROANALYSIS - O senhor participou da criação e também foi presidente da Embrapa. Ela continua na vanguarda da pesquisa agropecuária brasileira?

ELISEU ALVES - A Embrapa é uma grande instituição e continua na vanguarda. O que ocorreu, porém, é que as universidades melhoraram muito, e o setor privado está entrando na área de pesquisas, o que é uma grande novidade, uma tendência. Existe uma grande parte da pesquisa em que, hoje, a Embrapa está envolvida, e que, no futuro, vai ficar por conta do setor privado. Assim, a Embrapa vai poder desenvolver projetos mais fundamentais para a agricultura. Hoje, a Embrapa gasta recursos para desenvolver novas variedades. Isso poderá ficar a cargo da iniciativa particular. ■